

A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA PARA A LEITURA E A ESCRITA NA DISLEXIA

**ANDRADE, Allen Bárbara Menezes, SANTANA, Ariadna de Souza, COUTINHO, Clarissa
Alves¹**

allen_barbaraa@yahoo.com.br, ariadnasouza@bol.com.br, clarissinha00@yahoo.com.br

MARINHO, Camila Souza Pinto (orientadora)

Graduada em Psicologia, Pós-graduada em Organização, Planejamento e Recursos Humanos, Prof^ª.

do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT

camila_2903@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa propõe analisar a dislexia, um distúrbio hereditário cujos portadores apresentam dificuldades para ler e escrever, compreendendo que esse problema de aprendizagem está diretamente vinculado ao entendimento da mente humana. O assunto vem sendo estudado há gerações e já passou por vários conceitos até chegar às conclusões mais recentes. Relacionado a isto, objetiva-se ainda, avaliar a importância da Psicopedagogia em tratamento realizado com alunos portadores desse distúrbio. Além disso, faz-se referência ao papel do psicopedagogo, de detectar e, com isso, solucionar os problemas de aprendizagem dos discentes disléxicos. O conceito de dislexia e suas principais características são citados nesse trabalho além dos principais tipos deste distúrbio e algumas das possíveis soluções para a melhoria da assimilação da aprendizagem nesses casos. Para contextualizar, foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo, acerca da Psicopedagogia e sua influência na leitura e escrita dos disléxicos. Constatou-se que a atuação integrada de vários profissionais

¹ Alunas de Letras-Português, 6º período, da Universidade Tiradentes (UNIT).

no tratamento da dislexia é indispensável, principalmente a do psicopedagogo, que, com o apoio do corpo docente e da família dos portadores deste distúrbio, obtém algum êxito.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia, Aprendiz; Escola; Dislexia; Língua Portuguesa.

1. INTRODUÇÃO

No início do século XX os educadores, juntamente com os psicólogos se preocupavam apenas com o processo pedagógico dos problemas de aprendizagem, deixando de lado o que realmente causava os transtornos. A partir de várias pesquisas feitas nos países de primeiro mundo, alguns estudos direcionados à mente humana começaram a ser feitos e descritos com relação à não-assimilação da leitura e da escrita, a dislexia.

Esse distúrbio é uma das muitas causas da não-aprendizagem. Ele é caracterizado pela dificuldade da decodificação das palavras, sejam elas simples ou difíceis, e estes problemas não são percebidos e diagnosticados com relação à idade, ou seja, podem ser apresentados tanto na infância quanto na vida adulta.

O diagnóstico da dislexia só será realizado se essa implicar nas atividades relacionadas à vida diária e/ou nas atividades escolares. Além disso, o disléxico deverá ter acompanhamento de um psicopedagogo e de vários outros profissionais capacitados para entender e auxiliar esses portadores, como por exemplo, o fonoaudiólogo, o neurologista, o psicólogo, dentre muitos outros.

Com todo o acompanhamento, serão verificados os vários níveis do distúrbio em questão, para, a partir daí, o aprendiz ser tratado com os cuidados necessários. Além desses profissionais, para auxiliar o aluno disléxico em suas dificuldades a escola, juntamente com a família deve dar encorajamento, atender e respeitar as capacidades e os limites do jovem, estar informada, para amparar o aprendiz em sua dificuldade, manter o professor da classe familiarizado e sensibilizado com a dislexia, para compreender e apoiar cada indivíduo na

sala de aula, reconhecer a necessidade de ajuda extra e desenvolver um clima de paciência, para que ele possa ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas e, até mesmo, repeti-las várias vezes para retê-las.

A Psicopedagogia também irá ajudar a escola no tratamento da não-assimilação do saber. Essa área vem crescendo bastante e se tornando cada vez mais significativa para as dificuldades da leitura e escrita.

Diante deste artigo, pretende-se analisar a dislexia e suas características, como ela pode e deve ser trabalhada nas Instituições de Ensino, qual a função da Psicopedagogia para o tratamento do distúrbio em questão. Para isso foram efetuadas pesquisas de campo e bibliográficas.

Foram desenvolvidos alguns questionamentos com relação a esta problemática, que nortearão este artigo científico: quais são os principais problemas causados pela dislexia? Todos esses problemas são os mesmos em todos os disléxicos? Como os indivíduos adquirem o transtorno em questão? Quais são os diagnósticos e como eles ajudam no tratamento e acompanhamento escolar? Qual é a principal importância da Psicopedagogia para o tratamento da dislexia?

2. REVISÃO DE LITERATURA

Há muitos anos determinados indivíduos têm preocupado médicos, psicólogos, órgãos governamentais, professores e pais. Com o intuito de solucionar os problemas de aprendizagem percebidos nestes indivíduos, iniciaram-se os estudos da Psicopedagogia que

“[...] constitui uma nova área de conhecimentos sistematizados, cujo florescimento está na dependência do desenvolvimento não apenas da

Psicologia e da Pedagogia, como também da Psicolinguística e da Neuropsicologia, entre outras”.(LOMONICO, 1992, p.15).

Todas estas áreas que formam a Psicopedagogia analisam o desenvolvimento e o pensamento do indivíduo. Esta Ciência surgiu no Brasil devido ao grande número de crianças com fracasso escolar e à Psicologia e à Pedagogia, isoladamente, não darem conta de resolver tais fracassos. Abrange as mais diversas faixas etárias e tem como objeto de estudo a pessoa a ser educada; visa resolver os vários problemas de aprendizagem, através de um tratamento individual. Surgiu a partir do objeto de estudo da Pedagogia, que é a Educação, relacionado com a necessidade de aperfeiçoamento do processo de aprendizagem. Para esta melhoria, foi preciso inicializar um trabalho psicológico com o educando, procurando entender os problemas mentais existentes neste. (LOMONICO,1992)

No campo teórico da Psicopedagogia, as teorias relacionadas aos problemas de aprendizagem podem ser analisadas de duas formas: a primeira prende-se apenas em bases teóricas e/ou científicas, ou seja, não se preocupa em entender a motivo pelo qual se desenvolveu determinado distúrbio, muito diferente da segunda, que sempre leva em consideração estes motivos.

“Sendo assim, o Psicopedagogo poderá atuar preventiva ou terapeuticamente na escola, preparando professores para a realização de atendimentos pedagógicos individualizados; auxiliando na compreensão de problemas de sala de aula, permitindo que encontrem alternativas de ação; participando do diagnóstico dos distúrbios específicos de aprendizagem, assim como atendendo a pequenos grupos de alunos.” (LOMONICO, 1992, p.67).

2.1. O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO

Na Psicopedagogia escolar, o psicopedagogo ajuda o professor a elaborar aulas mais dinâmicas para melhor entendimento e participação dos alunos; orienta o professor no tratamento dos discentes com dificuldades de aprendizagem; averigua o projeto pedagógico da escola para a percepção de problemas que possam estar afetando o processo de aprendizagem dos alunos; caso haja necessidade, os encaminha para um Psicólogo ou outro tipo de profissional capaz de trabalhar com a vida pessoal de cada um; conversa com os pais para fornecer orientações; auxilia a direção da escola para que os profissionais da instituição possam ter um bom relacionamento entre si e conversa com os aprendizes quando estes precisam de orientação. Este intenso relacionamento psicopedagogo-escola ocorre pela consideração de que a escola é responsável por grande parte da formação do ser humano e o Psicopedagogo tem o dever de impedir o não crescimento intelectual do adolescente. Com tanta importância na assimilação do saber, a formação do Psicopedagogo vem ocorrendo em caráter regular e oficial. Este é um profissional que,

“Reunindo conhecimento de várias áreas e estratégias psicopedagógicas e psicológicas, torna-se habilitado em lidar com certos fenômenos relativos à não-aprendizagem que ocorrem dentro do âmbito familiar, escolar e comunitário, - que podem ser remediáveis e/ou prevenidos.”(LOMONICO, 1992, p.17).

Por não poder atuar dentro da sala de aula, o Psicopedagogo irá desenvolver um trabalho de preparação dos professores para que estes tenham um bom método de ensino ou até poderá atuar dentro da própria instituição, avaliando o aluno, identificando os problemas do saber e quando necessário, solicitando ajuda de outros profissionais, como por exemplo, psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista, dentre outros, que juntos irão seguir uma só trajetória

onde o principal objetivo é detectar a deficiência do aprendiz. Além disso, ele poderá detectar alguns distúrbios, como por exemplo, a dislexia, que estão relacionados ao processo de aprendizagem.

“Existem muitos locais onde o psicopedagogo pode atuar no tratamento de distúrbios de aprendizagem: clínicas especializadas, hospitais, instituições que atendem a criança, mas é na escola que seu papel adquirir maior importância, não só pelo fato exposto acima, mas principalmente porque é na escola que o problema se apresenta e onde a maior parte das crianças poderá encontrar apoio, por falta de recursos para acesso às instituições ou a profissionais especializados”.
(LOMONICO, 1992, p.67).

2.2. A FAMÍLIA E A ESCOLA NO TRATAMENTO DA DISLEXIA

Para tentar resolver os problemas de aprendizagem escolares, o papel do Psicopedagogo é fundamental, pois ele está apto a trabalhar com os discentes portadores dos distúrbios do saber. Dessa forma, é importante ressaltar que a experiência dele junto com o professor possibilita uma aprendizagem enriquecedora, principalmente se os docentes forem especialistas em suas disciplinas. Não só sua intervenção junto ao professor é fundamental, como também a participação deste perante as reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento do aprendiz; em conselhos de classes, avaliando o processo metodológico; na escola como um todo, acompanhando a relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno novato, sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio.

Para que o número de alunos com deficiência de aprendizagem nas escolas seja bem menor, esse trabalho realizado pelo psicopedagogo deve levar em conta que todo indivíduo tem características específicas que possibilita ou não o desenvolvimento de

conhecimentos. A atuação deste profissional será direcionada para estas características que não permitem a construção do saber: os distúrbios da aprendizagem. Um dos distúrbios mais comuns de deficiência relacionados à aprendizagem é a dislexia, que foi instalada definitivamente na história médica por Samuel Torrey Orton, e este distúrbio segundo IANHEZ e NICO (2002,p.21) “é uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia”. Isto ocorre apesar de uma boa base escolar e para que este problema seja tratado, é necessário que educadores, professores e pais saibam que os jovens sofrem deste distúrbio. Caso isso não aconteça, serão vistos como alunos mal comportados e preguiçosos, como explica BIANCHINI

“Quando a criança vai mal na escola e, mesmo se esforçando, ela tem dificuldade para reter o que lê, interpretar, escrever certo, pouco interesse por leitura, resiste a todo e qualquer assunto que se refere a escola, mas, mesmo assim, é uma criança esperta, ativa e sem nenhum problema de inteligência ou síndrome, ela pode ser disléxica” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA..., 2005).

Por causa desse desconhecimento, os alunos sentem-se frustrados e demonstram essa frustração através do mau comportamento. Além da não percepção, alguns adolescentes têm vergonha de assumir seu problema, assim como seus pais. Isto não deve acontecer, como a disléxica Rosemari Marquetti de Mello, ressalta: “[...] aprendi que todos somos únicos, um diferente do outro, cada um com seu jeito, cada um com o seu tempo; ninguém é perfeito e todos temos qualidades [...]” (IANHEZ, NICO, 2002, p.11). Pessoas que convivem com disléxicos(as) também precisam aprender a lidar com eles, não devem excluí-los socialmente. É injusto que estes portadores de dislexia sejam condenados à incultura, à ignorância, à manipulação social e ao analfabetismo, pois uma sociedade analfabeta, inculta, imatura, dependente, é uma sociedade desigual e opressora.

Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira de Dislexia², pesquisas realizadas em vários países mostram que cerca de 10 a 15% da população mundial é disléxica. Sendo assim, é perceptível a necessidade de se trabalhar este problema, principalmente nas instituições escolares. Este distúrbio possui três graus distintos: leve, médio e severo. Apesar de ser hereditário, ou seja, o indivíduo já nasce disléxico, este problema, ao ser detectado pode ser tratado e a melhora chega a 50% dos casos. Os vários tipos de dislexia são: dislexia visual, que é uma deficiência na percepção visual; na coordenação visuomotora (não visualiza cognitivamente o fonema); m-n, a-e, q-b. Segundo LOMONICO, tratando deste tipo de dislexia,

“[a]lgumas incapacidades são tão severas que impedem a criança de ler totalmente, outras menos severas dificultam apenas silabação de palavras com muitas sílabas. São características comuns a qualquer dislexia visual: dificuldades de discriminação visual, a velocidade de percepção é baixa, tendência de reversão de palavras, dificuldades de seguir e terem seqüências visuais, desordem de memória visual, análise e síntese visual, preferem atividades auditivas, dificuldade visual de acompanhar, logo compreendê-lo.” (1992, p.87).

Apesar deste tipo de distúrbio, o indivíduo tem uma visão normal, porém, o que acontece é a dificuldade de recordar, interpretar e diferenciar as palavras devido a uma perturbação de uma função orgânica do sistema nervoso central. Esta produz interferência ou não na decodificação das palavras.

Outro tipo de dislexia é a auditiva, que é uma deficiência na percepção da audição, da memória auditiva (não audiabiliza cognitivamente o fonema): pato – bato, gato – cata. Esta dislexia, proporciona no indivíduo

² Organização não-governamental, criada em 1983, com o intuito de divulgar o conhecimento sobre dislexia.

“[...] inúmeros distúrbios de discriminação auditiva que impedem o uso da análise fonética, incapacidade para ouvir as semelhanças nos sons iniciais ou finais da palavra, discriminação de sons e vogais breves, dificuldade com análise e síntese auditiva, dificuldades em separar sílabas, reorganizar sons ou palavras auditivamente, distorção na pronúncia das palavras, prefere atividades visuais”. (LOMONICO, 1992, p.87/88).

Como estas pessoas não conseguem memorizar as palavras auditivamente, para aprender o significado destas, elas irão utilizar o método visual, ou seja, este indivíduo usa o sistema nervoso central para que, assim, possam associar o símbolo à experiência.

Os principais sintomas da dislexia são: dificuldades com a linguagem e a escrita; dificuldades em escrever; lentidão na aprendizagem e na leitura, mais nas tarefas orais; dificuldades com a ortografia; escrita incorreta, havendo trocas de letras, omissões e junções; disgrafia (letra feia); dificuldade de memorização; dificuldades em aprender uma segunda língua; persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional; dificuldade em organizar-se com o tempo (hora), no espaço (antes e depois) e direção (direita e esquerda); dificuldade em associações como, por exemplo, associar os rótulos aos seus produtos; dificuldade em nomear objetos, tarefas, dentre outros; fraco desenvolvimento da coordenação motora e falta de interesse por livros. Apesar de todos esses sintomas serem freqüentes, não seguem uma característica padrão, ou seja, cada caso de dislexia possuirá suas características independentes, como afirma DROUET,

“Na dislexia em geral, a dificuldade de leitura persiste até a idade adulta. A dificuldade de ortografia geralmente acompanha a de leitura, o que é compreensível por serem habilidades relacionadas. Muitas

“pessoas aparentemente normais, ou mesmo com grande capacidade de leitura, podem apresentar dificuldade de ortografia. Até mesmo professores podem apresentar esse problema.” (2000, p.138).

A partir do momento em que estes sintomas são percebidos, ao invés de culpar o indivíduo pela incapacidade de aprendizagem, deve-se encaminhá-lo a uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo. Caso contrário, o portador da dislexia, sem saber a causa da sua dificuldade de assimilar o aprendizado, torna-se uma pessoa agressiva com colegas e professores e passa a rejeitar qualquer tipo de ensinamento. Além disso, senti-se inseguro e sua auto-estima é baixa. Um exemplo de um portador de dislexia que isto vivenciou é IANHEZ, que relata: “eu fui reprovada várias vezes, sempre tive dificuldade na escola. Quando tinha que fazer um trabalho em grupo fazia de tudo para não ter que escrever. Foi bem difícil porque eu me senti meio incapaz”. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2005).

Esta é uma realidade vivida por muitos alunos que são portadores da dislexia: a crítica injustificada que é feita através de características falsas, pois estes discentes não são incapazes, nem agressivos, eles simplesmente são disléxicos, ou seja, têm certa dificuldade de ler e escrever, e até de interpretar.

Além da exclusão sofrida pelos disléxicos, existem, ainda, algumas idéias que hora são verdadeiras, hora são falsas. Trata-se de afirmações que precisam em todo momento ser esclarecidas para que não haja mais discriminação com relação ao distúrbio de aprendizagem em questão. Um desses dizeres é que a dislexia é contagiosa. Esta afirmação é definitivamente falsa. É muito importante que se saiba que este problema não se trata de uma doença, mas sim de um distúrbio e, sendo assim, impossível de infeccionar. (IANHEZ, NICO, 2005).

Alguns pais acham que exercitar os filhos disléxicos em casa, aumentando o trabalho escolar vai exterminar esta dificuldade de assimilação do aprender. Isto é um mito

que pode até piorar a auto-estima e a segurança do aprendiz. O que pode ser feito com relação a este obstáculo é propor jogos educativos, que são descontraídos e que possuem uma grande base estrutural voltada para a leitura e para a escrita. (IANHEZ, NICO, 2002).

Dentre tantos fatores de caráter negativo, pode-se citar verdades que também precisam de um reconhecimento significativo: que a dislexia pode ser clinicamente diagnosticada; que a leitura desenvolve-se mais rápido que a soletração nos aprendizes disléxicos; que há a possibilidade de haver mais de um portador de dificuldades em uma família; que a probabilidade de a dislexia se desenvolver é maior em meninos que em meninas. (IANHEZ, NICO, 2002). Com relação a esta probabilidade, são várias as explicações:

“[...] Uma, por exemplo, é a possibilidade de que mais meninos são identificados pelos seus professores, porque tendem a ser mais dispersos em sala de aula. A teoria mais recente é a do Dr. Galaburda, que levanta a possibilidade de esse fator estar ligado à produção excessiva de testosterona na fase da gestação. Sendo esse um hormônio masculino, um excesso deste na gestação de um feto feminino, provocaria um aborto natural [...]” (IANHEZ, NICO, 2002, p. 68).

Além disto, pode ser considerado o fato de o cérebro masculino ser desenvolvido mais lentamente na fase intra-uterina, estando assim mais exposto às agressões auto-imunes da mãe. (DROUET, 2000).

Diante das características existentes nas pessoas que têm o distúrbio do saber, aqui já citadas, outras ainda podem se sobressair, como por exemplo, a predominância do hemisfério direito do cérebro, implicando no uso dominante da mão esquerda. Não significa, porém, que todas as pessoas canhotas são disléxicas.

Na escola, é muito importante que todos que fazem parte do corpo docente, sejam professores, coordenadores, psicopedagogo (este atuando em escolas), diretores e inspetores entendam ou pelo menos saibam o que é dislexia. Quando um aluno demonstra dificuldade de ler e escrever, o professor, que é a pessoa mais próxima do aprendiz, devem entrar em contato imediato com a família deste indivíduo para que as providências sejam tomadas com agilidade. Caso este aluno tenha feito anteriormente avaliações com o objetivo de detectar o distúrbio, é necessário que se obtenham cópias dos resultados adquiridos para uma melhor observação do processo de aprendizagem deste. (DROUET, 2000).

“Desde tempos muito remotos a influência da família sempre foi considerada como um elemento fundamental no desenvolvimento do caráter do indivíduo. Carl Jung dizia que “a principal importância dessa influência reside no fato de o lar e da vida familiar proporcionarem, através de seu ambiente físico e social, as condições necessárias ao desenvolvimento da personalidade do indivíduo.” (DROUET, 2000, p. 207).

Com todas as orientações necessárias, o disléxico conseguirá ser bem sucedido em classe. Para que isso aconteça, a influência do ambiente familiar é muito importante, pois, os pais, que devem dar total apoio à escola, precisam ter paciência, compreensão, encorajamento, dedicação e acima de tudo sempre estimulando o discente para que este possa se sentir capaz e se torne cada vez mais autoconfiante, para assim desenvolver suas atividades normais com sucesso. Este apoio familiar é de extrema necessidade para a escola, pois muitas vezes os profissionais da educação esquecem que os pais conhecem melhor seus filhos do que ninguém.

2.3. A DISLEXIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

A Instituição de Ensino, através do abrangente conhecimento das dificuldades existentes de aprender, tem várias dinâmicas e exercícios à disposição para que seus alunos assimilem o que se ensina com maior facilidade. Ao ser realizada a pesquisa de campo numa Instituição de Ensino particular, foi constatado que há um grande interesse da direção em trabalhar para a melhoria dos problemas de aprendizagem vivenciados pelos alunos portadores da dislexia. Para isso, a direção realizou um Programa de Atendimento Especial (PAE), que conta com o apoio total dos professores e pais, os quais unidos observarão o dossiê que será feito por profissionais da área, neurologistas, psicólogos, psicopedagogo e fonoaudiólogos. Este diagnóstico será a confirmação de que realmente o aprendiz analisado possui um distúrbio de aprendizagem. Após confirmada a dislexia, o aluno será encaminhado ao (PAE). Os docentes trabalhados neste programa terão aulas normais juntamente com os outros colegas, no turno matutino e no turno vespertino, terão aulas que serão ministradas por professores capacitados em auxiliar esses aprendizes. Estes são pacientes e compreensíveis.

As aulas são semelhantes às de reforços, nelas são feitas todas as tarefas de casa que são aplicadas nas aulas matinais, além de, responderam atividades desenvolvidas pelo professor do (PAE). Eles são avaliados dentro deste programa com metodologias distintas, como por exemplo, frequência, tarefa de casa, condutas/tarefas de aula, avaliação do conteúdo e avaliações regulares, esta por sua vez são realizadas na sala de aula regular e possui um menor valor para a pontuação final.

Foi analisado um aluno da 6ª série, 12 anos, A, cujo diagnóstico indicou uma dislexia média. Apesar do resultado do dossiê, o discente demonstra um grau de dificuldade de aprender muito leve, pois é um estudante muito esforçado. Suas avaliações durante esse período eram recheadas de questões para desenhar. No decorrer do ano letivo, a partir do

Programa de Atendimento Especial, este aprendiz melhorou bastante sua conduta em relação a redigir textos.

Além deste discente, existem outros alunos que apresentam o mesmo problema, o distúrbio do saber, sendo que suas características são individuais.

Com o programa oferecido pela Instituição, é válido ratificar que a leitura e a escrita são muito utilizadas nas tarefas aplicadas pelo (PAE) e tem como finalidade a melhoria dos problemas dos aprendizes.

3. CONCLUSÃO

Diante desta situação, além do apoio dos genitores, as escolas devem contar com o total apoio de um psicopedagogo que perante esta problemática tem a função de observar e diagnosticar melhor estas dificuldades e elabora um projeto que atende estes alunos, no sentido de auxiliá-los a diminuir seus problemas escolares.

É importante ressaltar que, nas escolas particulares o psicopedagogo é uma realidade. Boa parte das boas instituições escolares tem esse profissional nos seus quadros. Se não existe como uma vaga estabelecida em organograma, o Orientador ou Coordenador são psicopedagogos e atuam como tal, com olhar e postura de escuta, mediando as aprendizagens em todos os níveis.

De acordo com dados da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o psicopedagogo deve atuar assim como MORAES:

“Prioridade do meu trabalho é de orientação, acompanhamento e planejamento de ações permanentes. O primeiro mês é dedicado ao conhecimento do funcionamento e das relações interpessoais que se estabelecem no ambiente escolar, para perceber quais os principais pontos de conflito e suas origens. Nos meses seguintes, passo a

atender os alunos e propor melhorias na rotina da escola, sempre em parceria com a direção escolar e compartilhando com os professores.”(SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, 2006).

O profissional em questão deve estar sempre interligado com as metodologias escolares, com os problemas que estão dificultando o aprendizado, principalmente dos alunos disléxicos. Esta atuação é muito importante para a escola, para os pais dos alunos e para os próprios discentes.

Baseado na análise feita para elaboração deste documento, pode-se concluir que a Psicopedagogia Escolar foi constituída através dos saberes e práticas de duas ciências, Pedagogia e a Psicologia, que englobam estudos sobre a mente e o porquê dos comportamentos de cada indivíduo. A união destas Ciências contribuiu e ainda contribui para o desenvolvimento do estudo dos comportamentos apresentados pelos discentes com relação ao aprendizado e às dificuldades de assimilar o saber que irá envolver os distúrbios de aprendizagem, principalmente a dislexia. Ainda com base na análise feita, percebe-se a atuação do psicopedagogo, que pode atuar direta ou indiretamente com os alunos e que são de extrema importância tanto para ambiente escolar quanto para o ambiente familiar, pois dá auxílio aos professores e principalmente aos pais dos discentes, para que estes saibam como conviver com problemas vividos pelos seus alunos e filhos, respectivamente.

Estes distúrbios cada vez mais preocupam as escolas, pois, estas não sabem mais o que fazer com os alunos que não aprendem de acordo com método considerado normal.

3. REFERÊNCIAS

IANHEZ, Maria Eugênia. NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece:** como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Alegro, 2002.

LOMONICO, Circe Ferreira. **Psicopedagogia:** teoria e prática. São Paulo:Edicon 1.ed., 1992.

PILETTI, Claudino (Org.). **Didática especial.** São Paulo: Ática, 15. ed. 4. impr., 2003.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Problemas da aprendizagem.** São Paulo: Ática, 4 ed., 2imp., 2001.

DISLEXIA, Associação brasileira. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 18 de novembro de 2006.

BAHIA, Secretaria da Educação do Estado. Disponível em: <<http://www.sec.ba.gov.br/entrevistas/entrevista39.htm>>, 2006.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Artigos Científicos.** São Paulo: Avercamp, 2004.